

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
ABORDAGENS E CONCEPÇÕES
A PARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS
DE LÍNGUA PORTUGUESA DE ALFABETIZAÇÃO
UTILIZADOS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)**

Luciana da Silva Almeida (UENF)

lucy.salmeida@gmail.com

Tatiane Almeida de Souza (UENF)

tatianealmeidauenf@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UFRJ/UENF)

elinafff@gmail.com

14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a língua é um constructo social e, portanto, ela apresenta variações dependendo do contexto em que se apresenta, o presente trabalho busca investigar, a partir da análise de livros didáticos, como o tema variação linguística vem sendo abordado no âmbito escolar, enfocando classes alfabetização. Será realizada uma investigação sociolinguística, buscando conhecer que tipo de atenção à questão da variação linguística vem recebendo no contexto escolar. Para tanto, serão analisados dois materiais didáticos, um oriundo de instituição privada, e outro utilizado em instituições da rede pública, ambos do município de Campos dos Goytacazes. De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, durante o primeiro ano do ensino fundamental, deve-se desenvolver no aluno habilidades linguísticas que o permita se comunicar em diferentes contextos de interação de fala, bem como o respeito e o reconhecimento pelas variadas formas de interação linguística. Dessa forma, tomamos como principal objeto desse estudo, compreender, a partir dos livros didáticos, como essa interação entre aluno/professor e variação linguística tem acontecido. Basearemos teoricamente nossa análise em Irlandé Antunes (2007), Edeilson Matias de Azevedo (2004), Marcos Bagno (2007), Carlos Alberto Faraco (2008), *Guia do Livro Didático* (2008) e José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira e Mirza Seabra Toschi (2003), entre outros. A pesquisa ainda se encontra em andamento, mas partimos da hipótese de que os materiais didáticos, bem como os professores precisam adequar sua metodologia para que possam alcançar as propostas de uma educação linguística mais efetiva.

35
36
37

Palavras-chave: Livro didático. Alfabetização. Variação linguística. Sociolinguística.

38
39

1. Introdução

Considerado instrumento, muitas vezes fundamental, de apoio ao trabalho dos professores, o livro didático trás em sua gênese uma pers-

1 pectiva de precursor da cultura escolar, bem como dos conteúdos e currí-
2 culos aceitos por um sistema de ensino.

3 Nessa perspectiva, escolher e utilizar um certo material, implica
4 em escolher e propagar conceitos e ideologias sociais, culturais e políti-
5 cas, aceitos e veiculados de maneira explícita, ou não pelos gestores go-
6 vernamentais.

7 De acordo com Mauro Carlos Romanatto (2009), o processo de
8 implementação do livro didático acompanhou o processo de democrati-
9 zação do ensino. Se antes era papel do professor preparar e escolher os
10 conteúdos e metodologias a serem trabalhados, a partir da democratiza-
11 ção do ensino e do amplo acesso das diversas classes sociais a escola,
12 quem passa a determinar os conteúdos e metodologias de ensino são os
13 materiais didáticos.

14 Esse material passou a fazer parte do contexto escolar em 1996,
15 quando o Ministério da Educação e Cultura – MEC, instituiu o Programa
16 Nacional do Livro Didático, cujo objetivo se firma em subsidiar o traba-
17 lho docente com a distribuição de livros didáticos para os alunos da edu-
18 cação básica, bem como para os alunos das turmas de alfabetização.

19 Daí em diante, os livros didáticos são considerados elementos
20 fundamentais nas salas de aula. Os planejamentos e atividades são reali-
21 zados de acordo com os conteúdos trazidos pelos livros, muitas vezes,
22 sem uma prévia seleção ou análise para averiguar se o conteúdo está re-
23 almente adequado às classes que o irão receber.

24 Entretanto, as coleções que chegam até as escolas, passam antes
25 por seleções e avaliações por parte dos governos que buscam avaliar
26 quais obras, bem como, quais conteúdos e currículos devem ser propaga-
27 dos nas escolas.

28 Há que se pensar no seguinte, no que tange os *Parâmetros Curri-*
29 *culares de Língua Materna*, bem como o *Guia do Livro Didático*, ambos
30 apontam para um ensino e escolha de materiais que abranjam a diversi-
31 dade cultural, que não estigmatizem as diferenças como erros a serem
32 corrigidos.

33 Nessa perspectiva, o objetivo desse trabalho firma-se em analisar
34 duas obras didáticas utilizadas no município de Campos dos Goytacazes
35 (RJ), buscando conhecer o tratamento dado à questão da variação lingüís-
36 tica nesses materiais.

1 O primeiro material que analisamos é utilizado na instituição par-
2 ticular do município, o *Porta de Papel – Alfabetização*, assinado pela
3 Editora FTD. O segundo material é utilizado na rede municipal de ensi-
4 no, também da Editora FTD intitulado *O Novo Girassol – Saberes e Fa-*
5 *zeres do Campo*. Ambos os materiais são de turmas de alfabetização.

6 A escolha por materiais de alfabetização se deu porque este é con-
7 siderado um momento crucial, no que tange ao desenvolvimento da lin-
8 guagem como fonte de cultura e, de acordo com as orientações trazidas
9 pelo MEC e pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ao final desse ci-
10 clo, pretende-se ter desenvolvido nos estudantes capacidade de refletir
11 criticamente sobre a língua, em suas variadas formas de uso, sem, no en-
12 tanto, estigmatizar qualquer que seja a forma em que ela se apresente.

13 Nesse sentido, procuramos resposta para a seguinte questão: como
14 a questão da variação linguística é tratada e abordada nos livros didáti-
15 cos? Para responder essa questão, seguiremos o roteiro de análise de ma-
16 terial didático sugerido por Marcos Bagno (2007), na obra: *Nada Na*
17 *Língua É por Acaso: Por uma Pedagogia da Variação Linguística*.

18 No decorrer da pesquisa buscaremos salientar questões que com-
19 provem, ou não, nossa hipótese, de que os materiais didáticos, bem como
20 os professores precisam adequar sua metodologia para que possam al-
21 cançar as propostas de uma educação linguística mais efetiva.

23 **2. Livro didático: sua importância e influência na aprendizagem**

24 A escola desempenha um importante papel na sociedade, é um es-
25 paço sociocultural com indivíduos de diferentes grupos sociais, com ins-
26 trumentos e métodos para a construção do saber. Uma de suas ferramen-
27 tas mais eficaz no processo de formação é o livro didático.

28 No Brasil, o livro didático entrou como pauta do governo no ano
29 de 1938, quando foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático
30 (CNLD). Seu objetivo era “examinar e julgar os livros didáticos, indicar
31 livros de valor para a tradução e sugerir abertura de concurso para a pro-
32 dução de determinadas espécies de livros didáticos não existentes no pa-
33 ís”. (COSTA, 1989, p.13)

34 No decorrer dos anos, vários questionamentos rondaram o livro
35 didático, como por exemplo: seus conceitos estão corretos? São adequa-

1 dos? Diante disso, muitos acordos, legislações e programas foram criados
2 para responder tais questionamentos.

3 Várias mudanças ocorreram até chegar ao atual mecanismo jurídi-
4 co que regulamenta o livro didático, que é o Programa Nacional do Livro
5 Didático. Este programa, de acordo com Neli Klix Freitas & Melissa Ha-
6 ag Rodrigues (2007):

7 tem como foco o ensino fundamental público e as classes de alfabetização in-
8 fantil, assegurando os seguintes direitos: gratuidade dos livros para os alunos,
9 escolha dos livros a serem usados pelos professores, reutilização do livro por
10 outros alunos em anos posteriores, distribuição gratuita para as escolas públi-
11 cas e aperfeiçoamento das especificações técnicas para a produção dos livros,
12 visando maior durabilidade. (FREITAS & RODRIGUES, 2007, p. 4)

13 Ao longo dos anos, o livro didático foi se tornando uma ferramen-
14 ta indispensável nas escolas para o auxílio dos professores. Entretanto, há
15 que se salientar que *o livro deve ser considerado um material de apoio*,
16 assim como diz o Ministério de Educação e Cultura – MEC (2003) “um
17 material de apoio didático de qualidade faz grande diferença no processo
18 de ensino-aprendizagem”. (BRASIL, 2003, p. 9)

19 Edeilson Matias de Azevedo (2004), porém, destaca que:

20 O livro didático passa a ser o único instrumento pedagógico que o profes-
21 sor utiliza em suas aulas, tornando-se difícil exigir deste a utilização daquele
22 como material de apoio. O risco que se corre com essa situação é o professor
23 compreender a obra didática como um manual de instrução do qual não se po-
24 de discordar, muito menos tecer certas críticas em relação ao conteúdo.
25 (AZEVEDO, 2004, p. 6)

26 Uma das alternativas para essa problemática é o reconhecimento
27 de certas limitações que o livro didático apresenta, como por exemplo,
28 simplificar alguns temas e tratar com superficialidade alguns conteúdos.
29 Ele deve ser um material realmente de apoio, sendo o professor capaz de
30 fazer críticas pertinentes à obra didática, desde que essa crítica tenha em-
31 basamento.

32 Sabe-se que o livro didático é utilizado nas escolas e, na maioria
33 das vezes, é o único material utilizado na construção de conhecimentos.
34 Esse é de grande influência para a construção e formação de identidade
35 dos alunos, pois é embutido de conceitos, conteúdos e ideologia que for-
36 mam opinião. O livro didático consiste, também, em um instrumento pa-
37 ra as atividades escolares, sendo o professor o seu mediador.

38 De acordo com Ana Célia da Silva (2005):

1 Em virtude da importância que lhe é atribuída e do caráter de verdade que
2 lhe é conferido, o livro didático pode ser um veículo de expansão de estereóti-
3 pos não percebidos pelo professor. O livro didático, de um modo geral, omite
4 ou apresenta de uma imagem simplificada e falsificada o cotidiano, as experi-
5 ências e o processo histórico-cultural de diversos segmentos sociais. (SILVA,
6 2005, p. 23)

7 Prevalendo-se nos dias atuais, o livro didático influencia o coti-
8 diano da sala de aula e do trabalho pedagógico, por ele ser uma das prin-
9 cipais fontes de consulta utilizadas pelos alunos e professores. A partir
10 disso, “é fundamental dispor de um livro didático diversificado e flexí-
11 vel, sensível à variação das formas de organização escolar e dos projetos
12 pedagógicos”. (BRASIL, 2003, p. 10)

13 Cabe ressaltar que o livro didático não apresenta como objetivo
14 determinar o que o professor deve ou não fazer em sua prática pedagógi-
15 ca. Entretanto, Edeilson Matias de Azevedo (2004) afirma que “uma das
16 práticas mais recorrentes que são encontradas na sala de aula é o profes-
17 sor se utilizar do livro didático como se ele suprisse toda a necessidade
18 que o processo de ensino e aprendizagem requer”. (AZEVEDO, 2004, p.
19 12)

20 O perigo dessa relação exclusiva que alguns docentes criam em
21 relação ao saber apresentado pelo material didático está sinalizado quan-
22 do os materiais não são escolhidos pelos próprios docentes. Quando essa
23 escolha é feita pelos governantes e/ou secretarias de educação, sem con-
24 siderar na entanto, as realidades de cada comunidade escolar.

25 Quando isso acontece, as obras escolhidas geralmente trazem uma
26 ideologia cultural, que é de interesse político que seja apreendida e man-
27 tida na formação dos cidadãos.

28 Em suma, várias questões rondam essa temática, mas o que é in-
29 discutível é a necessidade de o professor possuir uma formação sólida,
30 capaz de desconstruir qualquer tipo de imagens estereotipadas, conceitos
31 incoerentes e conteúdos irrelevantes, buscando refletir criticamente sem-
32 pre, sobre os conteúdos e as obras que lhes são “impostas” para o exercí-
33 cio de seus ofícios.

34 35 **3. O uso da variação linguística na formação de sujeitos letrados**

36 É inegável entre os profissionais da educação que a alfabetização
37 é uma das fases de mais profunda importância na vida escolar. Paulo

1 Freire (2001) sintetiza essa importância ao definir esse processo como
2 um elemento fundamental para o exercício da cidadania.

3 Aprender a ler e escrever significa tornar-se conhecedor de uma
4 cultura, ao mesmo tempo em que se adquirem habilidades para contribuir
5 na construção e manutenção da cultura.

6 E dependendo da cultura que a escola viabiliza e prioriza, princi-
7 palmente através de seus materiais didáticos, ela pode tanto possibilitar
8 esse acesso à cidadania, como excluir o aluno de se inserir no contexto
9 cultural letrado.

10 Magda Soares (1986) aponta para a desvalorização que as varia-
11 ções linguísticas e os falares dos alunos sofrem, como grande fator influ-
12 ente nos índices preocupantes de avaliação da alfabetização no país. Para
13 a autora,

14 A discriminação das classes populares na escola não se explica, pois, por
15 *deficiências* culturais e linguísticas, nem apenas pelas *diferenças* culturais e
16 linguísticas que, sem dúvida, as distinguem das classes dominantes; explica-
17 se, na verdade, pela *opressão* que essas classes dominantes, com a mediação
18 da escola, exercem sobre as classes dominadas, através da imposição de sua
19 cultura e de sua linguagem, apresentadas como legítimas, e da consequente
20 desvalorização de uma cultura e linguagem que, só por ser diferente daquela
21 considerada legítima, é acusada de "*deficiente*". (SOARES, 1986, p. 55)

22 Para Magda Soares, o fracasso escolar e os baixos resultados das
23 avaliações da alfabetização se devem, em grande parte, à discriminação
24 das variantes linguísticas utilizadas pelos alunos de classes populares. A
25 escola insiste numa linguagem padrão, que estigmatiza e nega a cultura
26 dessa classe. O que gera no aluno uma "aprendizagem" descontextualiza-
27 da e sem significado.

28 Nesse sentido, a escola, que deveria ser um lugar de socialização
29 de culturas, torna-se totalmente excludente ao escolher privilegiar uma
30 "cultura linguística" como a principal em detrimento das outras. O que
31 acontece é um processo de "marginalização cultural" que faz com que o
32 aluno das classes menos favorecidas fracasse, não por ter uma "deficiên-
33 cia cultural", mas por ter uma cultura diferente, que é discriminada.

34 Seguindo essa linha, Marcos Bagno (2002), aponta que

35 Pelas mesmas razões que levaram à transformação da gramática tradicio-
36 num instrumento de dominação e exclusão social é que a atividade dos
37 linguistas brasileiros vem sofrendo ataques grosseiros por parte de autointitu-
38 lados "filósofos" que representam, na verdade, a reação mais conservadora (e

1 muitas vezes com acentos claramente fascistas) contra qualquer tentativa de
2 democratização do saber da sociedade. (BAGNO, 2002, p. 153)

3 Para o autor, existem questões mais sérias que impedem um ensi-
4 no inovador que inclua o variacionismo em seus programas. Segundo
5 Marcos Bagno, o novo "compromete as estruturas de poder e domina-
6 ção", desestabiliza toda uma estrutura social, que tem sua base fundada
7 na dominação de uma grande maioria, por um pequeno grupo de "ilumi-
8 nados".

9 A ciência linguística moderna analisa a língua como fato social,
10 algo vivo que está sempre se renovando, substituindo antigas concepções
11 por novos conhecimentos. Ora, todo conhecimento passa por mudanças,
12 reformulação de teorias, contudo, democratizar o saber linguístico, signi-
13 ficaria romper com as correntes de uma sociedade contida.

14 Nessa perspectiva, observamos nos documentos oficiais, como os
15 *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997) e o *Guia do Livro Didático*
16 (2016), ambos referentes aos anos iniciais do ensino fundamental, alguns
17 avanços no que tange ao ensino de língua materna nos anos iniciais.

18 Esses documentos sugerem como objetivo a formação integral do
19 aluno, preconizando uma alfabetização que compreenda o indivíduo co-
20 mo participante de outros contextos culturais, que não somente a escola,
21 apontando para a importância de valorizar e incluir a cultura do aluno no
22 contexto da construção de conhecimento que a escola deve oferecer.

23 Dessa forma, vemos que lentamente surge um novo paradigma re-
24 ferente ao letramento escolar, preconizando que o foco do trabalho deve
25 estar no processo de ensino e aprendizagem, na participação crítica e ati-
26 va tanto do professor, quanto do aluno. Reconhecendo que, "não basta
27 somente alfabetizar, mas que é preciso viabilizar as pessoas a oportuni-
28 dade do contato com as diversas práticas sociais de leitura e escrita" (PI-
29 RES, LIMA & FERREIRA, 2010). Conhecendo e dominando, não ape-
30 nas os contextos de inserção da linguagem escrita, mas também as varia-
31 das situações de usos da linguagem oral.

32 Uma das principais funções da escola, nessa perspectiva, é de
33 preparar cidadãos para um mundo letrado, para lidar com diferentes tipos
34 de textos e contextos de interação linguística.

35

3.1. Variações linguística nos livros didáticos: o contexto da pesquisa

Como apontado nos tópicos anteriores, é papel da escola apresentar para seu público a cultura e conhecimentos construídos historicamente pela sociedade. Dentro desse contexto, são realizadas seleções que apontam, mesmo que de forma implícita, as questões e ‘culturas’ que são valorizadas em detrimento de outras.

Com a língua acontece o mesmo. Existe uma variante que recebe mais prestígio e, por isso é constantemente valorizada nos discursos de grande parte dos professores, além de ser reafirmada nas obras que servem de apoio para o trabalho docente.

Percebemos nos livros didáticos de língua portuguesa uma grande tendência em apontar as classes menos favorecidas e com baixos níveis de escolarização como únicos na utilização de variações, apontando sempre essas variações como erros, apresentando a norma-padrão como única correta e aceita.

Marcos Bagno (2007) aponta que no momento da seleção das obras didáticas que serão aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático, existe um esforço para mudar essa realidade, entretanto a falta de formação e embasamento teórico consistente são empecilhos para um trabalho linguístico ideal. De acordo com o autor, para favorecer um ambiente escolar enriquecedor

O mais importante de tudo é preservar, no ambiente escolar, o *respeito pelas diferenças linguísticas*, insistir que elas não são “erros” e até mesmo tentar, na medida do possível, mostrar a lógica linguística delas. Para isso, é claro, a professora tem de se preparar, fazer suas pesquisas, reconhecer os fenômenos que aparecem naquele material e tirar deles o melhor proveito. (BAGNO, 2007, p. 125)

Marcos Bagno (2007) ressalta as questões políticas e sociais imbuídas nesse processo de supervalorização de uma linguagem em detrimento de outras e, destaca que a necessidade de analisar cuidadosamente os materiais que irão permear o trabalho docente, ou mesmo, o próprio professor levantar materiais e questões que possam subsidiar o trabalho, no que tange a variação linguística. Entretanto, ressaltamos que essa é uma questão que deve fazer parte das inquietações dos docentes.

4. Dados da pesquisa

Compreendendo a relevância de trabalhar as questões políticas e sociais referentes ao uso da linguagem no contexto escolar e, principalmente de conhecer o tratamento que as variações linguísticas recebem nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa de Alfabetização. Este trabalho foi construído no sentido de levantar questões importantes que possam contribuir no melhoramento de nosso ensino de língua materna.

Os materiais utilizados para análise são do município de Campos dos Goytacazes (RJ). O primeiro material escolhido é utilizado por uma das instituições privadas de grande prestígio no município. Já o segundo é utilizado na rede pública municipal de ensino.

A investigação foi feita seguindo um roteiro de análise de livro didático sugerido pelo linguista Marcos Bagno, na obra: Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. Porém, serão levados em conta também, os critérios de avaliação utilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático. Bem como, a filosofia assumida pela editora se concretiza na prática.

4.1. Livro – *Porta de Papel: Alfabetização*

De acordo com a Editora FTD, o livro foi elaborado para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, apresentando um método prático de alfabetização. Sugerindo um ensino lúdico e produtivo¹.

Ao proceder à análise do livro, observamos que a proposta apresentada pela editora bem como a concretização do material, que se mostrou um pouco distante do ensino inovador e lúdico sugerido pela editora.

Para análise do material, consideraremos dez questões apresentadas por Marcos Bagno (2007) para análise de livros didáticos.

	Questões de análise	Livro
1.	O livro didático trata da variação linguística?	Não apresenta
2.	O livro didático menciona de algum modo à pluralidade de línguas que existe no Brasil?	Não menciona
3.	O tratamento se limita as variedades rurais e/ou regionais?	Sim, rurais
4.	O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados)?	Apresenta
5.	O livro didático separa a norma-padrão da norma culta	Não separa

¹ <www.ftd.com.br>.

	(variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?	
6.	O tratamento da variação no livro didático fica limitada ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?	Limitado
7.	O livro didático mostra coerência entre o que se diz nos capítulos dedicados a variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?	Não trata dessas questões
8.	O livro didático também explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?	Não trata dessas questões
9.	O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?	Não
10.	O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	Não trata dessas questões

1 Como podemos observar a questão da abordagem de variações
2 linguística, no livro, é quase que inexistente. O que temos são alguns tex-
3 tinhos que narram situações rurais e situações na cidade, mas em mo-
4 mento algum, a questão das variantes, recebe de fato atenção.



Fig. 1: Livro Porta de Papel

5
6
7 Entretanto, observamos também que os textos apresentados não
8 obra mesclam norma culta e norma-padrão, apresentando as duas como
9 se fizessem parte do mesmo contexto.

1 Terminamos nossa análise dessa obra, apontando que muitos são
2 as questões que precisam ser revistas ainda. Na estrutura da obra, pouco
3 nós encontramos de metodologia inovadora. As atividades, aliás, muito
4 nos lembraram dos exercícios repetitivos que as velhas e tradicionais car-
5 tilhas apresentavam.

6 7 **4.2. Livro – *Novo Girassol: Letramento e Alfabetização***

8 O segundo livro analisado, advindo da rede pública municipal, é
9 da coleção “*Novo Girassol: Saberes e Fazeres no Campo*” da Editora
10 FTD, São Paulo, 1ª ed., 2014. O manual é dividido em duas partes: a
11 primeira versa sobre o letramento e alfabetização e a segunda sobre alfa-
12 betização em matemática.

13 O primeiro fato que nos chama a atenção nesse manual é que ne-
14 nhuma das autoras da parte que iremos analisar, letramento e alfabetiza-
15 ção, obtém formação em letras. Sendo assim, a primeira indagação que
16 surge é a seguinte: será que isso influenciou nas abordagens realizadas
17 pelo livro?

18 O livro é destinado aos alunos do campo, visto que o mesmo é uti-
19 lizado numa área urbana e que a maioria dos alunos vive na cidade. Em
20 sua apresentação, as autoras trazem uma mensagem com o intuito de ex-
21 plicar o que é o campo e sua diversidade, como mostra a **Fig. 2**.



Fig. 2: Livro Novo Girassol

1 No capítulo 1, intitulado “Brinquedos e Brincadeiras”, na página
2 35 número 2, na seção “de olho na escrita” é proposta uma atividade de
3 observação da imagem roda, atentando os alunos “que uma palavra pode
4 ter diferentes significados dependendo da situação em que é empregada”.

5 Em continuidade a análise, no capítulo 2 “A Família da Gente”, na
6 página 68, número 5, encontramos a palavra macaxeira e um balão expli-
7 cando que a mesma também é conhecida como aipim ou mandioca. E na
8 página 69, seção “texto puxa texto”, no texto “Casa das Delícias” faz re-
9 ferência a um doce chamado de “Engrossado de Fubá” tendo sua expli-
10 cação num balão abaixo. Nota-se que nessas páginas, a variação lingüís-
11 tica aparece de acordo com os dialetos, ou seja, um doce ou uma raiz po-
12 de ter nomes diferentes de acordo com as regiões.

DE OLHO NA ESCRITA

1. LEIA E COPIE NA LINHA ABAIXO.

 **RODA** 

2. UMA PALAVRA PODE TER DIFERENTES SIGNIFICADOS DEPENDENDO DA SITUAÇÃO EM QUE É EMPREGADA. OBSERVE A IMAGEM E DEPOIS ESCREVA O NOME DO QUE VOCE OBSERVOU, UMA LETRA EM CADA QUADRINHO.

 

* PINTE DE COR CLARINHA AS VOGAIS DA PALAVRA QUE VOCE ESCREVEU.

3. AGORA DESCUBRA AS VOGAIS QUE COMPLETAM O NOME DAS FIGURAS. DEPOIS COPIE.

 

R. D. R. D.

35

Fig. 3: Livro Novo Girassol



Fig. 4: Livro Novo Girassol

1
2
3
4
5

Diante desses destaques e para uma análise mais geral, retomaremos as dez questões apresentadas por Marcos Bagno para análise de livros didáticos.

	Questões de análise	Livro
1.	O livro didático trata da variação linguística?	Somente nas páginas acima
2.	O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil?	Não menciona
3.	O tratamento se limita as variedades rurais e/ou regionais?	Sim, rurais
4.	O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados)?	Apresenta
5.	O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?	Não separa
6.	O tratamento da variação no livro didático fica limitada ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?	Limitado
7.	O livro didático mostra coerência entre o que se diz nos capítulos dedicados a variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?	Não trata dessas questões
8.	O livro didático também explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala	Não trata dessas

	como lugar do erro?	questões
9.	O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?	Não
10.	O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	Não trata dessas questões

1 Diante disso, podemos concluir que o livro em questão não aborda
2 a variação linguística em sua plenitude. As autoras deveriam ter ciência
3 de que o livro didático necessita estar conectado com a realidade linguís-
4 tica e cultural de seus usuários, valorizando as variações linguísticas e os
5 atentando para o fato de que a língua é viva e está em constante modifi-
6 cação. Talvez o fato das autoras não possuírem formação nenhuma for-
7 mação na área de letras pode ter influenciado nas abordagens do livro,
8 levando a uma menos reflexão sobre a importância da variação linguística
9 no contexto escolar.

10 Contudo, cabe também ao professor ser autônomo, ou seja, fazer
11 as alterações necessárias para que a utilização do livro didático forneça
12 contribuições importantes no processo da aprendizagem.

14 5. Conclusão

15 A pesquisa culminou com importantes reflexões no que tange o
16 ensino e aprendizagem de língua materna e, como essa questão vem sen-
17 do conduzida pelos autores de livros didáticos. Mostrou-nos que muito
18 ainda precisamos evoluir para um ensino democrático, e uma aprendiza-
19 gem contextualizada e que respeite a cultura e os falares de nossos alu-
20 nos.

21 Diante dos fatos relatados, podemos constatar que os livros didá-
22 ticos aplicados nas turmas de alfabetização no município de Campos dos
23 Goytacazes sejam na rede particular ou municipal, ainda não contem-
24 plam a variação linguística de um modo geral e abrangente. No livro da
25 rede particular a variação é inexistente, não havendo qualquer citação so-
26 bre a mesma. Por outro lado, o livro da rede municipal menciona em três
27 ocasiões, mesmo assim sendo apresentada de uma forma bem restrita,
28 não proporcionando ao aluno um conhecimento maior e crítico acerca da
29 variação linguística.

30 Outro ponto relevante que vale ser discutido e refletido é o fato
31 das autoras não possuírem qualquer formação na área da linguística ou
32 um maior conhecimento da mesma. Este fato pode ter contribuído para

1 que as abordagens acerca da variação tenham sido pouco tratadas. Cabe
2 ressaltar que a formação continuada é necessária para a atualização do
3 professor alfabetizador, visto que grande parte dos profissionais que atu-
4 am nessa área são pedagogos e nem sempre tem a linguística contempla-
5 da nas grades curriculares dos cursos superiores de pedagogia.

6 Para o professor, o livro didático é o principal instrumento utiliza-
7 do no exercício do magistério, quando não o único. Por esse motivo res-
8 saltamos a importância de materiais que atendam as especificidades pro-
9 postas pelo Programa Nacional do Livro Didático.

10 Aliás, o Programa Nacional do Livro Didático trouxe para nós
11 grandes avanços. Criou-se um sistema para avaliar as obras que vão para
12 as escolas, além de orientar as secretarias de educação, as coordenações
13 escolares e os professores, da importância de escolher materiais que este-
14 jam adequados a comunidade escolar.

15 A grande questão quer constatamos durante a pesquisa é que, na
16 maioria das vezes o professor não faz parte do processo de seleção das
17 obras que irão utilizar com seus alunos. Essa é uma questão que muito
18 dificulta o processo de obras adequadas.

19 Nesse caso, cabe ao professor pesquisar e preparar um material
20 que sirva de apoio para suas aulas. No que tange ao tratamento da varia-
21 ção linguística, muitas vezes se o professor não se aprofundar no assunto
22 para levar novas abordagens aos alunos, esse será sempre um conteúdo
23 trabalhado de forma limitadora e, porque não, preconceituosa.

24 Outra questão que levantamos é que os professores, muitas vezes
25 não tratam da questão das variações por não possuírem uma formação
26 acadêmica que possibilite um trabalho inovador.

27 Por isso, ressaltamos a necessidade de uma formação docente
28 continuada, que esteja sempre atenta aos novos paradigmas educacionais
29 que surgem em meio a uma sociedade que vive em constante evolução.

30 Escolhemos a turma de alfabetização, pois acreditamos na impor-
31 tância como um primeiro passo para a formação de sujeitos letrados e ci-
32 dadãos conscientes. Para Paulo Freire (2001) alfabetizar é dar o direito
33 ao exercício da cidadania. Entretanto, esse direito a cidadania é muitas
34 vezes lesado, quando a cultura que o aluno traz é estigmatizada, quando
35 sua linguagem é desprestigiada e sofre preconceito.

1 Nesse sentido, vemos que muito avançamos, mas, ainda há muito
2 a avançar.

3 As considerações que fizemos nesse trabalho não se finda aqui.
4 Existem ainda muitas questões a ser levantadas e diagnosticadas para a
5 melhoria do ensino oferecido nas nossas escolas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8 AZEVEDO, Edeilson Matias de. *Livro didático: uma abordagem históri-*
9 *ca e reflexões a respeito de seu uso em sala de aula. Cadernos da FU-*
10 *CAMP*, Monte Carmelo (MG), 2004. Disponível em:
11 <<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/69/6>
12 1>

13 BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz.* São
14 Paulo: Loyola, 1999.

15 _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lin-*
16 *guística.* 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

17 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Guia*
18 *do livro didático 2007: alfabetização.* Brasília: MEC/SEB, 2006.

19 _____. Introdução geral. In: _____. *Guia de livros didáticos de 1ª a 4ª sé-*
20 *ries – PNLD/2004.* Brasília: Ministério da Educação, 2003, p. 9-29.

21 _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares*
22 *nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.* Brasília: MEC/SEF,
23 1997.

24 _____. Secretaria de Educação Básica. *Guia de livros didáticos:*
25 *PNLD 2012: língua portuguesa.* Brasília: MEC/SEB/FNDE, 2011a.

26 _____. Secretaria de Educação Básica. *Programa Nacional do Livro*
27 *Didático: PNLD 2012: língua portuguesa.* Brasília: MEC/SEB/FNDE,
28 2011b.

29 BRAGANÇA, Angiolina Domanico; CARPANEDA, Isabella Pessoa de
30 Melo; NASSUR, Regina Iára Moreira. *Porta de papel: alfabetização.* 1.
31 ed. São Paulo: FTD, 2014.

32 _____. _____. BONJORNO, José Roberto; GUSMAO, Tania Cristina
33 Rocha Silva. *Novo girassol saberes e fazeres do campo: letramento e al-*
34 *fabetização matemática, 1º ano.* 1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

- 1 CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipio-
2 ne, 1989.
- 3 COSTA, Wanderley Ferreira da; FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria
4 Rodrigues. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez/Autores As-
5 sociados, 1989.
- 6 FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*.
7 São Paulo: Parábola, 2008.
- 8 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática*
9 *educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- 10 _____. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- 11 FREITAS, Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. *O livro didático ao*
12 *longo do tempo: a forma do conteúdo*. 2007. Disponível em:
13 <[http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plastic](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf)
14 [as/melissa-neli.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf)>. Acesso em: 20-11-2016.
- 15 FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderly
16 Ferreira da. *O livro didático em questão*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- 17 LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza
18 Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo:
19 Cortez, 2003.
- 20 PIRES, Maria; FERREIRA, Lúcia; LIMA, Daniel. Alfabetização, profes-
21 sor alfabetizador e prática pedagógica. *Letra Magna: Divulgação Cientí-
22 fica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, ano 06, n 13, 2º
23 sem.2010.
- 24 ROMANATTO, Mauro Carlos. *O livro didático: alcances e limites*. Dis-
25 ponível em:
26 <[http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19-](http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19-Mauro.doc)
27 [Mauro.doc](http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19-Mauro.doc)>. Acesso em: 25-10-2016.
- 28 SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didáti-
29 co. In: _____. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Organizado por
30 Kabengele Munanga. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de
31 Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- 32 SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 7. ed.
33 São Paulo: Ática 1989.